

# “Valia a pena fazer uma segunda edição do manifesto pelo investimento público”



Há ano e meio, dinamizou um manifesto pelo investimento público. Hoje, José Reis aponta para o resultado que a austeridade teve e alerta para a necessidade de encontrar alternativas ao que chama de “política da recessão”

PEDRO ROMANO [promano@negocios.pt](mailto:promano@negocios.pt)

O campo de alternativas à austeridade é “vasto”. Este é o ponto de partida do catedrático de Coimbra José Reis, que pede uma refundação profunda das instituições europeias para ultrapassar a crise.

**Há um ano e meio dinamizou um manifesto pró-investimento público em que pedia um “vigoroso estímulo contra-cíclico”. Se soubesse o que sabe hoje, teria feito o mesmo?**

Eu vou mais longe. Acho que hoje valia a pena fazer uma segunda edição do manifesto pelo investimento público...

**Um novo manifesto a pedir mais despesa pública?**

Não quero parecer presunçoso, mas hoje temos um conhecimento muito bom acerca de tudo o que tem a ver com a economia. Estamos absolutamente esclarecidos acerca da relação entre austeridade e crescimento, Estado e mercado, mundo financeiro e economia real. Sabemos o que é preciso fazer. Até agora, só tem havido austeridade. Resultou em crescimento negativo ou próximo do zero. O essencial é saber como quebrar estes ciclos.

**O défice passou de 2,6% para 9,3%. Não foi isto um estímulo contra-cíclico?**

Poderia ter sido, se correspondesse a um recuo da recessão. Mas o que

houve foi uma intervenção do Estado no imediato, para evitar um descalabro, e não uma estratégia concertada. O Estado foi bombeiro, não foi actor.

**Apenas para clarificar o seu ponto: acha que a intervenção do Estado foi curta ou “apenas” mal feita?**

Foi inconsequente. Houve uma intervenção nos principais focos da crise – uma “salvação” –, mas a questão, numa crise desta natureza, é saber se é possível ou não reorganizar a lógica da economia. Saber se o financiamento do Estado pode ficar nas mãos das agências de “rating”, se os mercados podem continuar a ter o papel que têm...

**Portanto, estaria disponível a assinar um manifesto semelhante neste momento?**

Estaria disponível para assinar um manifesto que chamasse a atenção para aquilo que é óbvio: a anemia da economia, o significado que os níveis de desemprego podem ter, a crise social que pode estar prestes a ser desencadeada e a insustentabilidade desta situação. Quebrar este ciclo exige encontrar respostas diferentes, no quadro europeu e com criação de alternativas de mercado. E o que gostaria era de não estar, dentro de dois ou três anos, a assinar um manifesto que fizesse um diagnóstico

## PERFIL

JOSÉ REIS, ECONOMISTA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



José Reis tem-se destacado como uma das vozes mais activas a promover alternativas à austeridade.

José Reis, de 55 anos, é catedrático e director da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Já ocupou as funções de secretário de Estado do Ensino Superior [1999-2001] e de presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro [1996-1999], estando actualmente ligado ao Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável. Faz investigação no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com um interesse especial em instituições, território e economia portuguesa. Recentemente apoiou a candidatura de Manuel Alegre, de quem foi também conselheiro económico.

ainda mais dramático da situação social portuguesa.

**Uma solução “européia” passa concretamente por que mecanismos?**

Há três coisas decisivas: o papel do BCE, toda a discussão em termos da emissão de dívida conjunta – os “eurobonds” –, e o Orçamento europeu, que hoje só vale 1% do PIB. Basta que o Orçamento passe a valer 5% para que passemos a falar de uma capacidade de investimento cinco vezes maior. O campo de alternativas à austeridade é vasto.

**Mas o Orçamento europeu é o somatório dos orçamentos nacionais. Com défices altos em quase toda a Europa, qual é o virtuosismo dessa solução?**

E verdade que onde subir o Orçamento europeu têm de descer os orçamentos nacionais, mas a capacidade concertada de actuação dos Estados vale mais do que a soma das partes. Uma solução mutualista é mais robusta do que uma individual. Este debate em torno do futuro europeu está a ser feito.

**Há vontade suficiente para transformar o debate em soluções concretas?**

Esse é o nosso drama. Os diagnósticos estão feitos, falta concretizá-los. Aliás, até se dá a situação caricata de uma mesma organização pedir austeridade e depois dizer que com aus-

teridade não há crescimento...

**Está a falar das agências de “rating”?**

Sim, mas não só – partidos políticos também, economistas comentadores. Quebram a louça e depois queixam-se dos cacos. É um problema de liderança. Sei que é uma explicação simples, mas não podemos fugir dela. Hoje, temos saudades do Kohl e do Mitterrand, mesmo que não sejamos das respectivas famílias políticas. Já houve lideranças na Europa. Hoje, notoriamente, não há.

**Não há quem lidere?**

Nós sabemos quem manda na Europa. Manda uma pessoa que está em Berlim. Mas é uma liderança negativa, que cavalga uma assimetria de forças que julgávamos ter desaparecido. Não me entenda mal, eu percebo a posição alemã. Ela é perfeitamente racional. Só não é uma posição para a Europa.

**A Alemanha não está a ajudar a encontrar uma solução para a Europa?**

A Alemanha tem de ser parte da solução mas, neste momento, claramente não é. Talvez passe a ser quando perceber a importância que a Europa tem para ela. Repare que a Europa exporta para o Japão, para os Estados Unidos, mas exporta sobretudo para a Europa. E por isso fico surpreendido com a sua atitude. Há

# “FMI pode ser o ponto em que crise económica e social se encontram”

Já houve lideranças na Europa. Hoje, notoriamente, não há. Temos saudades de Kohl e Mitterrand, mesmo que não sejamos das respectivas famílias políticas.



## José Reis alerta para conflito social e para a degradação progressiva do mercado de trabalho

uma cultura generalizada no pensamento comum alemão de condenação moral das periferias.

### As próprias periferias não contribuíram para essa imagem? A Grécia “maquillou” as contas...

Sim, claramente. Mas isso conta-nos a história toda? O que conta mais? As contas “escondidas” ou o facto de a competitividade grega ser baixíssima, de o país nunca ter conseguido integrar-se devidamente, de ter continuado uma periferia que fundamentalmente exporta turismo? A Europa devia ser mais unida, mesmo que os gregos se tenham portado mal e nós também não sejamos os melhores rapazes da história...

### Referiu o papel do BCE. O problema é a prioridade dada à inflação?

Esse é um tema canónico que ficou esclarecido logo nos seus estatutos, que são a perfeita expressão do predomínio das ideias liberais. Mas não é só, repare na questão da intervenção nos mercados. Não há nenhuma razão em nenhum manual de economia, nem nenhuma sentença divina, para que o BCE possa intervir no mercado secundário e não no mercado primário. Isto só acontece porque ficou determinado que o financiamento dos estados é algo a ser deixado ao julgamento dos mercados.

**O contrário não pode levar à manipulação política da emissão de moeda?**  
Os riscos existem, mas hoje lembramo-nos, com saudade, dos problemas inflacionários dos anos 70.

### Fala-se agora em limites constitucionais à dívida e criação de entidades fiscalizadoras das contas públicas. De que forma olha para este fenómeno?

Estas medidas baseiam-se no paradigma errado da Teoria da Escola Pública. De um lado há um mundo despolitizado – uma entidade quase natural –, que são os mercados e, do outro, o mundo altamente politizado do Estado, que é governado por burocratas que se atribuem funções próprias, que buscam os seus próprios fins...

### Esses postulados não acabam muitas vezes por se confirmar na prática?

A economia não admite postulados tão rígidos. Sabemos, há muito tempo, que os mercados são tão politizados como o Estado. Até Hayek [economista liberal do século XX] percebeu que há uma ligação entre democracia e mercados. Os economistas pensam muitas vezes que resolver problemas sociais é como administrar um antibiótico: incidindo sobre um ponto, repõe-se a normalidade. Mas não há formas simples de extirpar o problema.

Até agora, só houve austeridade. Resultou em crescimento negativo ou próximo do zero.

A Europa devia ser mais unida, mesmo que os gregos se tenham portado mal e nós não sejamos os melhores rapazes.

Mercados são tão politizados quanto o Estado. Até Hayek admitiu a ligação entre eles e a democracia.

### Portugal ainda vai a tempo de evitar uma intervenção do FMI?

Criou-se a ideia, que me parece realista, de que estas condições de financiamento são difíceis de manter. Se por FMI entendermos o Fundo Europeu, admito que tenhamos de nos confrontar a breve trecho com essa solução.

### A vinda do FMI tem sido muito estigmatizada. Também a recela?

O problema não é a vinda por si própria, mas a natureza profundamente recessiva de tudo o que será colocado em cima da mesa. Estamos num terreno insustentável, sem um caminho que nos possa levar a bons portos. E agora vamos saber se a esta crise económica se pode ou não seguir uma crise social. Eu acho que o FMI pode ser o ponto em que as duas realidades se encontram.

### O que entende por crise social?

Todas as formas de conflito. Formas insustentáveis de pobreza e casos sem solução de inserção no mercado de trabalho, por exemplo. Quando constatar que o desemprego de longa duração mudou substancialmente do ponto de vista das qualificações, e que portanto tem gente muito qualificada excluída quase permanentemente do mercado laboral...

### Isso ainda não aconteceu...

O discurso oficial diz que os licenciados também passam pelo desemprego, mas que este é mais curto, as remunerações são mais altas, etc. E quando este discurso deixar de colar? E se o desemprego de longa duração subitamente não for só de pessoas de 50 anos mas atravessar toda a sociedade? Isso é conflito social.

### E pode ser fisicamente violento?

Nós já sabemos o que é a precariedade, a ansiedade dos jovens... Já sabemos o que são os símbolos tunisinos, que estão aqui perto, não estão longe da Europa. Uma crise social é uma forma de desintegração duradoura de da sociedade. Não tem de ser violenta, mas por vezes isto é inevitável.

### A tensão está no mercado laboral?

Imagine que a taxa de actividade caiu de 50% para 40%. Passa a haver muitos inactivos. Antes, eram donas de casa, eram camponeses. Hoje, é gente arrumada. Estatisticamente, está tudo na paz dos anjos, este milhão pessoas não conta como desemprego. Mas “abaixo da linha” há uma mudança brutal na economia. Durante o século XX, o mercado laboral foi o mais poderosos mecanismo de inclusão que tivemos. E se ele for enfraquecido?

# José Reis

defende novo  
manifesto a favor  
do investimento  
público

Economista alerta  
para a necessidade  
de alternativas  
à "política  
da recessão".

**Economia 26 e 27**

